

Coimbra

Jornal de Estudantes da Universidade

ANO III

19 de Novembro de 1935

N. 20

Direcção e propriedade de
Jorge de Moraes e António Cruz (editor)
Administrador
Joaquim Duarte de Oliveira
Redacção e Administração
Associação Académica de Coimbra
Preço 50 centavos
Comp. e Imp. Rua da Sofia, 116

Uma campanha do "Coimbra"

A opinião do sr. Doutor Agostinho de Campos, Professor da Faculdade de Letras

Em editorial de «O Comércio do Porto», referiu-se o ilustre Professor da Faculdade de Letras da nossa Universidade, sr. Doutor Agostinho de Campos, às justas pretensões dos licenciados em Letras e Ciências, começando por destacar alguns períodos dos artigos ultimamente publicados nestas colunas, sobre o mesmo assunto.

Vem, assim, um Professor dos mais ilustres de encontro às aspirações dos licenciados. E' motivo de orgulho para nós. E se bem que o seu artigo mereça, aqui e ali, alguns reparos da nossa parte, reservámos esses comentários para melhor oportunidade, — limitando-nos, por hoje, a transcrevê-lo para estas colunas, como um dos melhores resultados da campanha encetada nestas colunas.

Em jornais académicos transparecem queixas e apresentam-se recibos para a situação «desoladora» dos licenciados em Letras e Ciências: «A maior parte desses licenciados vive apenas da contemplação da sua carta de formatura... O problema é grave... Não se compreende que esses rapazes continuem a lamentar-se, sem que ninguém atente na sua situação desesperadora...» (Coimbra, órgão dos estudantes da Universidade, 14 de Outubro último).

... Esses rapazes — e também essas raparigas, porque os cursos de preparação para o professorado secundário povoam-se de meninas em proporção considerável. Diz-se que as estatísticas revelam mais de duzentos diplomados (e diplomadas?) à espera de colocação; e naturalmente ocorre-lhes o remédio heróico, ou egoísta, de despir uns santos para vestir outros:

Proibição do magistério nos colégios, a médicos, oficiais do Exército e advogados, «pessoas que ganham o bastante (?) noutras carreiras» e cuja concorrência vem prejudicar os que só podem ser professores;

Equiparação dos colégios particulares aos liceus, pelo que respeita ao pessoal docente, cuja remuneração seria assim fixada pelo Estado às direcções, obrigadas a admitir nos seus estabelecimentos apenas os licenciados em Letras e Ciências;

Encerramento temporário das duas Faculdades, para evitar a um tempo o agravamento da situação dos actuais diplomados e a preparação de novas vítimas...

Não se pede pouco. E bastará só isto?

Recorda-se talvez o Leitor de que não nos deixamos cair em pessimismo a este respeito; nem, sobretudo, nos agrada ver confundidos, em monstruosa aliança, a mocidade e o desespero. Somos antes por aquela fórmula desanuvedora e tónica, de que a Vida resolve os problemas que põe; e fiamos-nos também no que o Filósofo chamou a *fecundidade do insuficiente*. Da necessidade sai o esforço, e o esforço empurra os homens e melhora o mundo, na estreita medida em que este é melhorável.

Não nos compete, nem saberíamos, apresentar soluções mais concretas ou certas, do que as já discutidas pelos directos interessados. Observaremos apenas, por cautela para eles, que os invasores da carreira professoral são afinal outros desempregados, ou mal empregados; que a oficialização mata a concorrência, criando assim modorras ou automatismos donde não pode sair coisa que se veja; que as escolas superiores não devem funcionar apenas para emitir diplomas; e que as Ciências e as Letras têm de considerar-se, não principalmente como apólices de colocação, mas antes como fontes de cultura, sem as quais uma nação onde todos arranjam emprego pode ser ao mesmo tempo uma desempregada na Civilização.

Fechar escolas abrirá talvez futuro a maior ou menor número de pessoas em situação difícil; mas não depõe a favor das colectividades que assim procedam, mostrando não fazer distinção grande entre o saber e o comer. E que serão afinal os povos colonizáveis, senão aqueles onde ninguém se lembra de encerrar escolas, pela razão tão simples de que nunca as abriam?

Porque todos — diplomados e diplomandos — se gabam de filhos de Deus, poderia talvez pedir-se qualquer coisa mais simpática, e que não tivesse o efeito de revoltar os que ainda estão na bilha para entrar nas escolas, contra os que estão já à bica para aceder aos empregos.

Poderia pedir-se ao Estado que não desse tão baratos os diplomas, ou às escolas, para começar a selecção mais a tempo e horas, que não fôsem mãos-abertas nas classificações. Poderia, se tal se mostrasse o

caso, reclamar o melhoramento das Universidades, no sentido de comunicar aos moços, não só a vontade de empregar-se, mas a de produzir, lutando pelo saber com energia, e também com sacrifício, porque em toda a parte e sempre, é e foi mal paga a devoção sincera pelas coisas do espirito.

Já por aí se ouvem zum-zuns de que as Faculdades de Ciências, por exemplo não conseguem recrutar para o professorado os alunos mais decididos a aprender, porque a uns desses sugam-nos, para a marinha ou a engenharia militar, as mais altas classificações por eles obtidas, e a outros impele-os a ambição, ou a consciência do próprio valor, para carreiras livres e mais lucrativas, onde contam triunfar só por si, sem encôsto do Estado.

Se assim fôsse, teríamos exemplificado aquele aforismo tão cruel para os mestres: *Quem pode, faz, e quem não pode, ensina...* Doiremos esta amarga pilula, considerando-a como elogio da acção e da vontade criadora, que não só no domínio da matéria, mas na esfera do pensamento, se podem e devem revelar. A certeza ou a esperança da mesada, parca mas exacta, amolece o carácter e adormenta em muitos a própria inteligência. Cria-se nos grupos escolares um ambiente de inércia ou passividade, que não é de bom agouro para a vida, e faz da lição uma estopada, e avilta os exercícios ou os exames a simples formalidades aduaneiras. Pobres aulas, as que não conseguem ser mais do que salas de espera!

Ora isto que estamos pensando e escrevendo, com os olhos postos num casamento ideal da Energia e do Espirito, não nos tira compreensão e simpatia para a crise deste momento. Por toda a parte se vê que os governos inventam trabalho para os operários manuais, que são naturalmente o maior número e a quem é mais urgente acudir. Mas outros? Não são igualmente elementares as suas urgências? Não lhes assiste o mesmo direito à vida?

E há tanto trabalho útil, aliás sempre prometido e sempre adiado, que se lhes marque e exija com proveito moral e mental de todos nós — Povo, Nação, Estado!

Estão já completos os catálogos eficazes e fêiceis das nossas grandes bibliotecas públicas? Arrumados, para que real e útilmente existam, os papéis dos nossos arquivos?

Considera-se defendida praticamente a Língua, junto das grandes empresas, de publicidade ou não, que a toda a hora a maltratam, ou dentro das próprias repartições administrativas, centrais e locais, a quem cumpria dar o exemplo do respeito que se lhe deve?

A indústria particular de livraria imprime ou reimprime com profusão os nossos clássicos, em edições cuidadosamente revistas? Há glossários dos grandes escritores típicos das várias idades da linguagem portuguesa escrita e culta? Temos índices remissivos e ideográficos das nossas boas Revistas de filologia, de história e de literatura? E já foram sacados do abismo todos os manuscritos dignos de publicação?...

Cremos que muitas coisas fundamentais, profundamente sérias e de valor eterno, nunca se fizeram e continuam por fazer, porque não se lhes liga a importância que merecem.

Se há uma plétora de diplomados de Letras, não é só no ensino e pelo ensino que se lhe poderia dar remédio.

Com três ou quatro mil contos por ano o Estado não ficaria mais pobre e mataria muitas fomes, não só de pão, mas de estudo fácil e cultura verdadeira.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

Da Arte e dos Artistas

Quim Martins

Não o conheci. Pertencio a uma geração muito posterior à sua. Mas admire-o, e muito. Aprendi a surpreender Coimbra, através das suas páginas cheias de beleza e de frescura, que são lições imorredoiras. Levado pela sua mão, acostumei-me a admirar muito mais os encantos desta linda cidade que ele tanto amou, — e que tão depressa o esqueceu!

E' doloroso vir a público com esta confissão. A'queles que votam a Coimbra uma admiração tamanha que chega a tocar as raízes do amor, um amor devotado a todas aquelas cousas que nos falam dum passado grandioso e belo, deve ser custoso, deveras custoso, eu creio, ouvir falar d'este geito. Mas não são esses os culpados da ingratição de Coimbra para com o Artista Quim Martins, — esse saudoso e inolvidável amigo de Coimbra!

Ninguém como ele sentiu a alma das cousas da terra que todos estremeamos. Tão depressa nos diz que os pequenos vidros em que estão as armas da cidade, na torre de Almeida, nos lembram «uma época histó-

rica definida, os restos mutilados de esculturas antigas», que nos deixam a cismar um problema que solicita o trabalho do cérebro, evocando as lendas de cavalaria, sentindo-se uma verdadeira emoção artística, como logo nos guia para esse admirável mirante que é a Couraça de Lisboa, abrindo-se em largos horizontes sobre o Mondego e o pitoresco dos arrabaldes, e, aí, nos faz meditar nessa paisagem de Coimbra tão surpreendente, tão unigida de beleza e duma religiosidade que lhe vem do seu aspecto típico!

Coimbra deve muito a Quim Martins. A Arte tornou-se-lhe também devedora de altos serviços prestados sempre com o maior desinteresse. E os artistas de Coimbra não podem olvidar o seu nome, através dos tempos.

Pois, senhores!, ninguém tratou ainda de saldar essas dívidas.

O seu nome não foi perpetuado, por enquanto, numa terra em que se tem feito tanta celebridade. Publicamente, a sua figura gigantesca não foi ainda homenageada, como merecia!

Duas palavras sobre José Contente

O que mais me surpreendeu, ao entabular, pela primeira vez, uma rápida palestra com José Contente, foi a sua modestia. Apareceu-me, então, tal e qual ele é, ainda hoje, e será sempre, — creio bem: — Um predestinado, um rapaz que nasceu artista como podia ter nascido jurisconsulto, com bossa para derrubar todos os calhamaços precisos para descortinar um argumento capaz de destruir a opinião dum magistrado. José Contente, artista nato, que dès os seus verdes anos desenha, pinta e tenta fixar, em dois traços ou numa pincelada, a impressão que recolheu dum pedaço do mundo exterior, isola-se, dêsse modo, para a sua arte, leva por diante, também, uma obra de destruição, é verdade, — mas destrói somente preconceitos, esmagando-os sob o peso das suas aspirações, que brotam das suas possibilidades.

Consulta a opinião daqueles que algo de novo lhe podem trazer, em materia de conhecimentos: — Surpreende-o tanto a admiração dum homem do povo, defronte daqueles seus trabalhos que são, porisso mesmo, perfectos — porque o povo os admira, os louva, os cita com entusiasmo, — como o juizo critico dos poucos que lhe aplaudem qualidades e apontam defeitos, sentindo-se satisfeitos ao verificar que esse rapaz tão modesto, tão despreocupado, tão só, progride de hora para hora, de dia para dia, — de trabalho para trabalho.

Quem descobriu José Contente — o termo é justo — foi o saudoso dr. João Antunes, outro temperamento artístico de requintada sensibilidade. E vale a pena contar como isso foi.

Certa manhã dum domingo soa-lheiro, aguardando, em Santa Clara, a chegada dum meio de transporte qualquer que o havia de conduzir a Condeixa, o dr. João Antunes reparou, por acaso, nalguns quadros que adornavam um rez-do-chão da casa do relojoeiro Contente. Espicaçado na sua curiosidade e como a porta se encontrava aberta, transpôr os umbrais do improvisado atelier do artista. Sem ninguém que, aparentemente, o acompanhasse, aí se demorou escassos minutos, examinando trabalhos, exprimindo, em voz alta, as suas opiniões, dando conselhos ao artista que desconhecia e que também não via. Surge, então, do interior da casa, José Contente. Trocaram-se algumas palavras. E logo ficou combinado que o dr. João Antunes escreveria uma carta ao Mestre Carlos Réis, apresentando-lhe o rapaz. Seguem-se peripécias de vária ordem. O artista iniciara-se na carreira, que, de há muito, lhe sorria.

E' digno do maior apreço o esôr-

Artes de Lisboa. Nas poucas horas vagas que tem, longe de se perder em discussões mesquinhas da má-língua dos «cafés», recolhe-se ao seu quarto: — Trabalha, então, naquela arte em que o pai o iniciou, — conserta relógios. Sempre que pede, foge ao bulício, percorre os arredores da capital, — e pinta. Em férias, transplanta os monumentos e a paisagem de Coimbra para a tela.

As exposições dos seus trabalhos sucedem-se. A critica aplaude-o, incentiva-o. Amigos dedicados iniciam-no nos segredos das obras de vulto. E triunfa.

Inda agora, na última exposição dos seus trabalhos, realizada nesta cidade, José Contente mostrou as suas possibilidades, demonstrando que dispõe de extraordinários recursos. Não pára. Não cansa. Não desanima. Coloca-se acima da mesquinhez do «dize tu, direi eu». Foge à convivência dos aduladores que são mais que prejudiciais, — porque inutilizam, muitas vezes, uma carreira. E talvez por isso mesmo é que esse rapaz tão novo, tão modesto, tão extraordinário, nestes dias que passam, consegue à sua roda uma aureola de prestigio, não lhe faltando incitamentos e ensinamentos: — Os primeiros, das pessoas mais representativas, os segundos das pessoas mais competentes.

Encanta a maneira como José Contente repara nos defeitos que lhe são apontados, remediando-os tão depressa possa. Assim caminha, a pas-

so avantajados, para a perfeição. E' muito novo ainda. Sobre-lhe, pois, o tempo de que carece para aprender, para meditar, para se libertar de todas as influencias, de todas as taras dum tímido, dum iniciado, — e nos surgir, por fim, tal e qual é, apenas José Contente, apenas artista de alma, de sensibilidade, real, perfeito, verdadeiro artista.

Coimbra, Outono de 1935.

ANTÓNIO CRUZ.

Estante

« Arquivo do Distrito de Aveiro »

Foi publicado o n.º 3 do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, revista trimestral de estudos regionais dirigida pelos srs. drs. António Gomes da Rocha Madal, Conservador do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, e Francisco Ferreira Neves e José Pereira Tavares, Professores do Liceu de Aveiro.

Do sumário d'este número destacam-se os artigos dos srs. dr. Alberto Souto, sobre a *Geologia do Distrito de Aveiro*, dr. Rocha Madal, sobre o *Foral de Vagos* e o *Tombo das águas de Ihavo* organizado em 1772, Conde da Borralha, sobre a história da vila de Ageda e o do saudoso erudito Marques Gomes, sobre *Aveiro na obra e relações de Camilo*.

Como de costume, o *Arquivo* insere, intercaladas no texto, muitas gravuras.

A CASA MISARELAS & C.^A APRESENTA

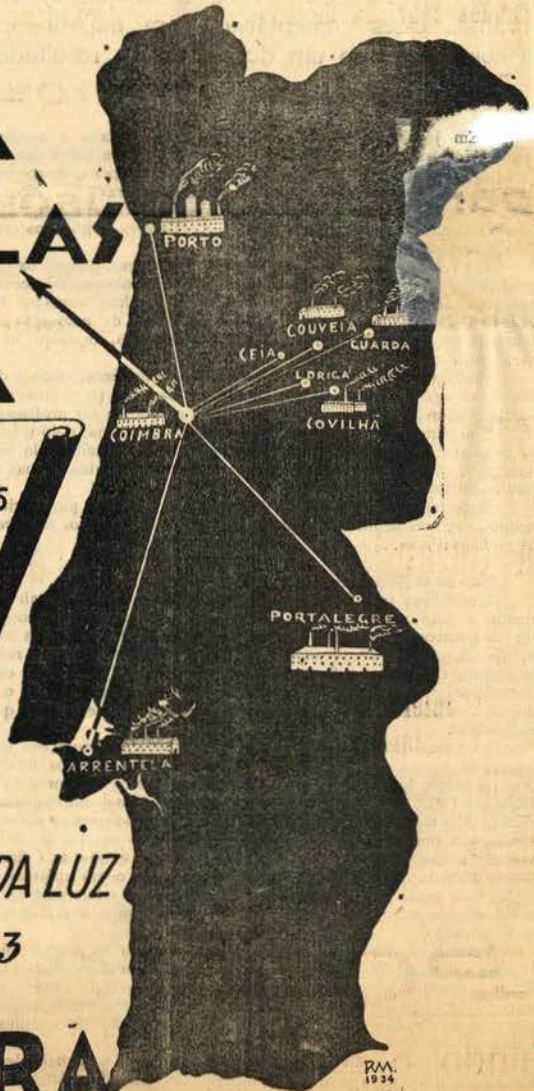
OS MAIS LINDOS
PADRÕES DE LANIFICIOS
FABRICADOS NO PAIS.

COLOSSAL EXISTEN-
CIA DE TODAS AS
FABRICAS DE
PORTUGAL

RUA VISCONDE DA LUZ

49, 51, 53

COIMBRA
TELE FONE. 38
GRAMAS. MISARELAS



R.M.
1934

**SEGURE OS SEUS AUTOMÓVEIS NA
DOURO**

COMPANHIA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1834

Agência geral—148, Rua Ferreira Borges, 1.º—COIMBRA

CORTEBERT

O melhor relógio
o de maior precisão
incontestavelmente
o que deve ser
preferido por todos

Toda a gente
prefere comprar na

OURIVESARIA BRINCA

e lá tem as suas razões

CALÇADO DE AGASALHO

Lãs nacionais
e estrangeiras

GRANDES NOVIDADES

na Casa das Novidades

: Retrosaria :

: Camisaria :

: Malhas :

Artigos de bordar

Vendas por junto e a retalho

181, R. Ferreira Borges, 183 - Telef. 951
COIMBRA

PIANOS E ORGÃOS

AS MELHORES MARCAS

MUSICA CLASSICA
e de DANSA
Completo sortido

INSTRUMENTOS para
Banda, Orquestra e Tuna
CORDAS e ACESSORIOS

A única casa especializada em
música em Coimbra

Salão Beethoven

PRAÇA 8 DE MAIO, 18-1.º
COIMBRA

Companhia das Fábricas Cerâmica Lusitania

Grandes fábricas de bons produtos cerâmicos de

**Todos os géneros
e
para todos os usos**

Lisboa Pôrto Coimbra

Braga Setubal

Faro Portimão etc., etc.

A Cerâmica que honra o País

As fábricas da Estação-Velha
vendem os seus produtos por
intermédio do comércio e direc-
tamente aos consumidores :

Farmácia do Castelo

COIMBRA

Depósito de instrumentos
e
mobiliário cirúrgicos
Aparelhos
de
electricidade médica

Preços de absoluta concorrência
com as casas de
LISBOA e PORTO

Loja das Meias

J. Lopes de Carvalho

◆ ◆

L U V A S

Artigos de Malha

Camisaria e Gravataria

◆ ◆

102, Rua Ferreira Borges, 106

COIMBRA
TELEFONE N.º 1078

Em Lisboa o Hotel preferido
pelos Estudantes de Coimbra é o

Suisso Atlântico Hotel

Cosinha higiénica Quartos esplêndidos
Preços especiais para excursões

**Rua da Glória, 3
LISBOA**

ACADÉMICOS

COMPRAR

PORTO KROHN

exigindo o boletim de voto, é habilitar a Associação Académica
à conquista do valiosíssimo trofeu "Porto Krohn" :: ◀ ::

Agente em Coimbra: PEDRO SANTOS — Ladeira de Santa Justa

Crónica Desportiva

O Sport Club Coimbricense, empatando com a Académica, alcançou uma grande vitória, tendo-a os seus adeptos registado com largas manifestações de regosijo.

Na disputa do campeonato regional jogaram no domingo as equipas de Honra da Associação Académica de Coimbra e do Sport Club Coimbricense.

O resultado, 0 a 0, não traz nada; os estudantes dominaram quasi todo o tempo mas não finalizaram, perdendo boas oportunidades de marcar.

Rui não alinhou e fez notar a sua falta; com elle o resultado devia forçosamente ser outro.

E Izabelinha, jogador de magnificas qualidades, não pôde preencher, pelas suas condições físicas, o lugar do Rui.

A nossa linha avançada pecou pela falta dum só elemento que desse orientação

prática aos esquemas bem delineados do ataque.

Duma maneira geral há a salientar, da parte da A. A., a esplêndida exhibição das linhas de defesa, embora o Pimenta não fôsse brilhante como costuma, que deram a Tibério um descanso quasi constante, e a falta de finalização da linha avançada; da parte do Sport, a confirmação das qualidades de Fernando Alves e a violência dos defesas.

A arbitragem foi lamentável e não dignifica o foot-ball.

Do árbitro depende, incontestavelmente, o resultado dum jogo. E as entidades competentes, por decôr, deviam responsabilizar os árbitros de harmonia com a sua influência.

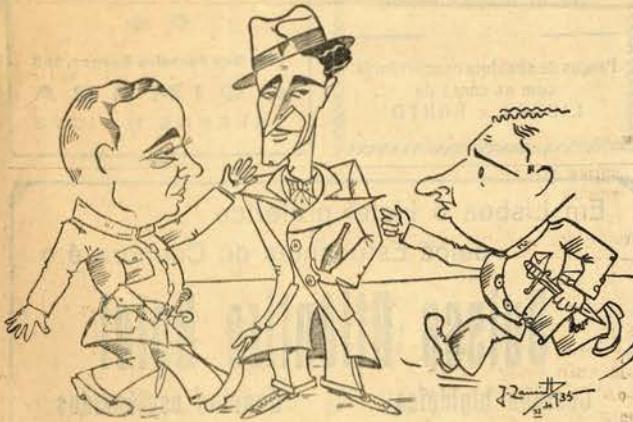
Quem assiste a um desafio, paga o seu bilhete, e não pode estar sujeito à revolta que impreterivelmente provoca no seu espirito uma arbitragem como esta a que nos estamos referindo e que nos dispensamos de classificar.

Soares Fernandes.

ESTUDANTES: ao fazerdes as vossas compras deveis preferir sempre as casas que o vosso jornal anuncia. Assim lhe prestareis ótimo auxilio.

VIDA ACADÉMICA

TRÊS FORMATURAS



Da esquerda para a direita: Dr. José Saraiva, Dr. Otilio de Figueiredo e Dr. Alvaro da Fonseca

Concluíram a sua formatura em Medicina, na segunda-feira da semana passada, os nossos queridos amigos srs. drs. José Fernando Saraiva, Otilio de Figueiredo e Alvaro Filipe da Fonseca.

Um deles, o dr. Otilio de Figueiredo, já partiu para Vila Real, a sua terra, onde vai exercer clinica; o dr. José Saraiva, em breve partirá para Serpins com o mesmo fim; e o dr. Alvaro da Fonseca, fica em Coimbra, assistente dos Hospitais da Universidade.

Fazemos votos porque os novos médicos triunfem pois bem o merecem pelas suas altas qualidades cívicas e profissionais.

ELEIÇÕES

Realizaram-se, no passado dia 11, as eleições da Associação Académica, tendo vencido uma lista que obteve 97 votos!

A exiguidade do número traduz claramente que a Direcção eleita não tem o apoio expresso (e tácito?) dos seiscentos sócios que a Associação Académica já tem, e muito menos dos mil e quinhentos que ela pouco vir a ter.

Urge, portanto, que uma Assembleia Geral ratifique o acto eleitoral ou faça substituir a Direcção, por forma que seja expressa a vontade de todos.

UM POEMA

de Mário Coelho

*As águas quietas do lago
Guardam árias esquecidas:
Murmúrios dum sonho vago,
Silenciosas, d'outras vidas...*

*Ocultas, entre o arvoredó
Das florestas sussurrantes,
Quietas, guardam o segrêdo
Das eras mortas, distantes...*

*Das flautas melodiosas
As bucólicas canções;
As éclogas amorosas
De ignorados corações;*

*Trilo das aves; perfumes
Das flores murchas outróra,
Que se foram como os lumes
Ante a alvorada sonora.*

*Tudo que se fez em nada...
A vida é como os instantes,
Em que soluça a rajada
Sobre os ramos palpitantes...*

*E, quando a brisa transporta
P'la floresta as suas máguas,
Diz o lago à fôlha morta
Que flutua à flor das águas:*

*— «Partiste da suave Noite,
Açoitada pelo vento,
Para sentires do açoite
O mais amargo tormento».*

*Nisto se traduz a vida!
j'è P'ra que o instante desvairedo
Da vassa anceada partida
Do seio do inanimado?!*

*E as águas silenciosas,
Quietas, ficam à espera
De que o Inverno murche as rosas
E as floresça a Primavera...*

MÁRIO COELHO.

Mário Coelho é um poeta indiano, — e um valor da nova geração. O lugar-comum tem aqui um real significado, ao contrário do que quasi sempre succede.

Passou por Coimbra e por aqui viveu a vida de todos nós, os moços do seu grupo. Foi companheiro de todas as horas de quem escreve estas linhas. E ainda por aí deve haver muita gente que se lembra da sua figura fransina, sempre embrulhada na capa negra...

Dum manuscrito seu, que guardo religiosamente, tirei o Poema acima transcrito. Publiquei, a seguir, outras composições, para que todos fiquem a conhecer Mário Coelho e o admirarem como merece. — A. C.

"A'gora"

Deve ser pôsto à venda dentro de poucos dias o primeiro número da revista *A'gora*, dirigida por alunos da Faculdade de Letras e colaborada por Professores e alunos da Universidade.

Capitão Sérgio Vieira

Encontra-se melhor da grave enfermidade que o acometeu o capitão sr. Sérgio Vieira, illustre Comandante da Polícia desta cidade.

Desejamos o seu rápido restabelecimento.

Café Luso

Inaugurou-se no sábado, na rua da Sofia, mais um café, cheio de comodidades e conforto moderno. Este importante melhoramento para aquela artéria, uma das mais movimentadas de Coimbra, deve-se à iniciativa da firma Rôxo & Irmão.

Fazemos votos pelas suas prosperidades.

Visado pela Comissão de Censura.



CINEMAS



Avenida

Hoje — *O Barão Cigano*.
Quarta e Quinta — *Não se fala noutra coisa*.
Sexta, Sabado e Domingo — *O seu maior êxito* — com Martha Egerth.

Sousa Bastos

Hoje e amanhã — *Ladrões de gado e Estrêla de Valência*.
Quinta — *Os irmãos de Caramazoff e Uma rapariga ao volante*.
Sexta e Sabado — *Viva o descanso* com Laurel e Hardy (Buxa e Estica).